cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br

Correio Braziliense
Brasília, sábado, 4 de fevereiro de 2023

Em Brasília para lançar Mainá e participar de homenagem ao manguebeat, Karina Buhr fala sobre a estreia no romance e a experiência de escrever ficção



A FALADEIRA VIDENTE DE *Karina Buhr*

» NAHIMA MACIEL

Quando Karina Buhr começou a escrever *Mainá*, no começo de 1995, optou por contar a história de menina questionadora e atrevida em formato de peça de teatro. Com personagens bem marcados, pouco texto e muita música, Mainá subiria ao palco para encantar a plateia com sua esperteza faceira, mas a peça nunca chegou a ser encenada. Anos depois, Karina decidiu voltar ao texto durante uma oficina de escrita criativa da escritora Andréa del Fuego. Corria o isolamento da pandemia e, trancafiada em casa, a cantora e compositora baiana decidiu ser aquele um bom momento para investir na criação literária. Foi a própria Andréa quem sugeriu transformar a peça no romance que a compositora lança hoje, no Jamburita.

A cantora está em Brasília para dois eventos: além de lançar Mainá, ela participa do show da Banda Eddie no festival Cafuçu do Cerrado, amanhã, no Eixo Cultural Ibero Americano, em homenagem aos 30 anos do manguebeat. "No auge da pandemia resolvi fazer a oficina e, em algum momento, joguei *Mainá*. E começou a ter uma demanda por *Mainá*. Cada um ia se interessando pelo texto do outro e aí começou. Passei a colocar *Mainá* em várias situações e comecei a ficar com bastante recheio. Mas não estava pensando além da peça", conta Karina. "O personagem já tinha uma coisa muito forte e começou a ficar maior, o texto começou a ficar mais com cara de roteiro. E Andréa jogou essa: por que não transformar num livro. Pirei nisso. Peguei a estrutura que já tinha da peça e comecei a pensar como romance."

Mainá é uma menina cheia de particularidades. Vidente, fala pelos cotovelos e enxerga o futuro, mas faz tudo com muita poesia. É capaz de delicadezas como perceber a beleza de uma flor sem cheiro, mas também de reações hilárias, como quando descobre que Jesus não nasceu na Amazônia. Tem amigos imaginários, ou espíritos companheiros, e é uma menina "existencialista e carangueja", como diz Andréa del Fuego na orelha.

Mainá também tem um interesse muito consistente pela morte, o mesmo que Karina lembra ter desenvolvido na infância e na adolescência. "Não acho que seja uma coisa excepcional, mas eu tinha essa vontade de ser essa personagem criança falando sobre isso do ponto de vista dela, e a morte como algo natural e não como uma coisa de medo", explica. "Eu tinha isso, quando criança, de pensar na morte. E comecei a pensar nesse personagem criança, de 12 anos mais ou menos, pensando sobre a morte." A partir daí, Karina imaginou situações cotidianas atravessando a vida de Mainá e personagens que interagiam com ela.

Esse pequeno romance de 132 páginas não é a estreia da baiana na literatura. Em 2015, ela lançou *Desperdiçando rima*, livro de poemas feitos com os mesmos instrumentos usados para criar as letras das músicas. *Mainá* foi uma virada de chave. "Nunca tinha pensado em escrever um romance e foi totalmente diferente. O lugar, a coisa do tempo. O romance tem essa volta, o tempo todo por conta da ordem das coisas, os personagens que entram e saem. Bem diferente. Mas, ao mesmo tempo, também tem poesia", repara.

Boa parte do texto iniciado em 1995 foi mantido e é curioso como alguns trechos parecem atuais. "Podemos não usar palavras, pode ser? As disponíveis estão viciadíssimas, trazem cargas terríveis pelos tempos", diz a personagem, sem saber que, nessas quase três décadas transcorridas entre os anos 1990 e os 2020, muitas palavras ganharam sentidos esdrúxulos em delírios coletivos. "Esse trecho cabe totalmente para agora, inclusive a lista de palavras aumentou", garante Karina. "Teve textos totalmente novos, mas teve coisas que mudei e outras que fiz questão de deixar exatamente como era, coisas que hoje eu escreveria de outro jeito. Uma coisa massa do romance é que tem um monte de personagens para jogar coisas que você não falaria."

Karina revela que já tem outro romance a caminho, mas prefere não falar sobre o conteúdo, assim como não dá muitos detalhes do próximo disco. Voz feminina do manguebeat, nascida em Salvador e crescida nos maracatus do Recife, terra natal da mãe, a cantora está de mudança para a capital baiana, onde nasceu há 48 anos. "É meu primeiro lugar", afirma. "Mudou muita coisa na pandemia, muita distância, quero ficar mais perto de Salvador e Recife, vou ficar entre os dois." Sobre o disco novo, ela diz que já tem as músicas e uma ideia, mas que não adianta falar muito. "O disco, antes de fazer, é um, depois que você faz, é outro, muita coisa muda fazendo, gravando. Falar agora talvez não seja coerente", acredita.

Quando fez *Desmanche*, em 2019, o último trabalho, ela sentiu a necessidade de voltar para a percussão. "E sair um pouco da barulheira, no bom sentido", conta. "Só que a pandemia deixou tudo nervoso de novo, então, talvez seja um disco com percussão, bateria, tudo de novo."

> "Uma coisa massa do romance é que tem um monte de personagens para jogar coisas que você não falaria"

Fotos: Renato Parada e Todavia

MAINÁ

De Karina Buhr. Todavia, 134 páginas. R$ 64,90. Lançamento hoje, às 20h, no Restaurante Jamburita (SCRN 714/715, BL F, loja 18)